

Interprofissionalidade em saúde: experiências e desafios

Este número da Saúde em Redes completa o terceiro ano de publicações regulares. A Rede Unida comemora com leitores e autores a sustentabilidade da publicação, que é um trabalho em rede e um trabalho de resistência. A agenda estratégica da Rede Unida e da Revista, a ideia de publicações abertas para um acesso mais democrático ao conhecimento que, sempre, é construído coletivamente, a defesa intransigente da democracia e de uma cultura de paz, entre outras escolhas que são reiteradas há alguns anos pelos coletivos da Rede Unida, em tempos sombrios, requer muita capacidade de resistir e de sonhar. A Rede Unida, em seus 33 anos de vida, fomenta sonhos e resiste, amorosa e radicalmente.

Neste número, escolhemos falar sobre interprofissionalidade, um tema que pertence à origem da Rede Unida e que configura parte significativa da produção epistemológica e política que a Associação fomenta desde sua origem. A interprofissionalidade é um duplo desafio: no “mundo” da ciência, dominado pela lógica disciplinar e pela fragmentação entre áreas cada vez mais específicas e menos capazes de auxiliar na compreensão e na solução de problemas da vida cotidiana e no “mundo” do trabalho, tão fortemente marcado pela lógica das profissões e suas disputas corporativas, focar o “inter” é resistir a ambas as lógicas predominantes e produzir conexões “entre”. Sim, é preciso produzir visibilidade ao espaço que separa profissões e conhecimentos

especializados e, também, construir pontes. O espaço entre profissões e conhecimentos é largo e o paradigma vigente o coloca sob invisibilidade, constituindo uma sensação de que se trata de uma membrana delgada. O cotidiano do trabalho, entretanto, nos mostra as distâncias que precisam ser percorridas e, sobretudo, a inviabilidade de aplicar soluções constituídas por dentro do paradigma vigente para essa travessia.

Não foi por outro motivo o grande esforço feito pelos coletivos no interior da Rede Unida, em associação com outras entidades e movimentos, para definir capacidades profissionais comuns na área da saúde desde os primeiros debates sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Tampouco a produção e defesa do conceito da “gestão do trabalho e da educação na saúde”, que desencadeou na “educação permanente em saúde”, nas políticas governamentais desde meados dos anos 2000. Ou, mesmo, na defesa das Residências em Área Profissional da Saúde, em particular as multiprofissionais, desde o mesmo período. Com felicidade, constatamos nos dias atuais um novo esforço nacional e internacional em direção à interprofissionalidade.

A escolha da temática da interprofissionalidade para este editorial está embasada em algumas questões que tomam visibilidade singular no momento em que se finaliza esta edição da Saúde em Redes. A primeira delas é óbvia e festiva. Em junho de

2017, a Editora Rede Unida, mobilizada por um projeto de cooperação entre a Rede, a Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) e o Ministério da Saúde, por meio do Departamento de Gestão da Educação, da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde sobre a temática, optou por uma chamada pública de manuscritos sobre interdisciplinaridade na “A formação interprofissional no cotidiano: o que nos dizem as experiências locais?”

Interessava, naquele momento, a escuta de experiências sobre a formação interprofissional no ensino técnico e de graduação em iniciativas envolvendo serviços da rede de saúde. Buscava-se a submissão de relatos, apresentação de tecnologias e metodologias formativas, avaliação de iniciativas, ensaios teóricos e empíricos, articulações interinstitucionais, interação ensino técnico/graduação e residências integradas, implantação do núcleo comum das Diretrizes Curriculares Nacionais, práticas colaborativas no trabalho, avaliação de capacidades interprofissionais, entre outras. Solicitava-se que os manuscritos tivessem como foco analítico o caráter interprofissional da formação e das práticas em de iniciativas que envolvessem o ensino profissional técnico ou de graduação e práticas colaborativas em serviços, considerassem a integração da formação de mais de duas profissões.

O retorno da chamada de manuscritos foi excelente! Foram apresentados 66 manuscritos, com autoria individual ou grupos de autoria. Pelo volume de submissões aprovadas para o formato inicialmente previsto de coletâneas, um total de 46 manuscritos, estão sendo organizados 4 volumes, agrupando as contribuições e distribuindo autorias por procedência regional e institucional. Os livros assim organizados deverão contribuir à reflexão no campo das políticas públicas educacionais e de saúde,

tendo em vista a educação e a prática em equipes sob ação colaborativa voltada para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), à integralidade do cuidado e à resolutividade assistencial de elevada qualidade e responsabilidade. Os textos foram organizados de modo a dialogar com o desenvolvimento do ensino e da avaliação do ensino. As análises apresentam caráter interdisciplinar, quanto ao estudo no campo epistêmico; e interprofissional, quanto ao agir no trabalho, sendo as obras transversais às grandes áreas de conhecimentos da saúde, das ciências sociais e das ciências humanas, em especial inscritas no campo de domínio da saúde coletiva.

Das submissões aprovadas, 50% provem da Região Nordeste, 20% da Região Sul. As Regiões Sudeste e Centro-Oeste apresentaram, cada uma, 13% das submissões aprovadas e a Região Norte, 4% do total. Chamam atenção os estados do Ceará e Rio Grande do Sul, o primeiro com 11 submissões, o segundo com 9, enquanto os demais estados tiveram de 1 a 3 submissões. Das 27 unidades federadas, 10 não apresentaram submissões (Acre, Amapá, Amazonas, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rondônia, Roraima e Tocantins). Quanto as instituições dos autores, a maioria é produção de universidades públicas federais e estaduais (63%), com predomínio das federais, seguidas pelas universidades privadas (19%), escolas de saúde pública ou escolas técnicas do Sistema Único de Saúde (10%) e serviços ou sistemas de saúde (8%).

Os textos selecionados reúnem principalmente experiências de Educação Permanente em Saúde (22%), um projeto especialmente brasileiro de constituição de conceito à educação no/do trabalho, de educação no campo das transformações profissionais e construção de lógicas colaborativas de/em equipe. Na proposta da

Educação Permanente em Saúde estão presentes os temas da Integralidade da Atenção, Humanização da Assistência e o trabalho em Equipes Integração. O tema predominante seguinte foi o da Residência Multiprofissional em Saúde (17%), outra modalidade de formação com forte protagonismo nacional, não havendo paralelo no mundo com a disseminação e abrangência verificada no Brasil e com a ênfase na colaboração interprofissional como aqui se verifica. Nas Residências Multiprofissionais em Saúde estão presentes os conceitos de Campo e Núcleo de Conhecimentos e Práticas, área profissional em oposição à área de especialidade, integração entre formação e sistema de saúde, integração entre ciências e humanidades, transversalidade da saúde coletiva e segurança do paciente. Na sequência, vêm diversas experiências que articulam extensão universitária e comunitária, projetos de vivência multiprofissional e interdisciplinar, temas interdisciplinares de formação, disciplinas integradoras na graduação e ligas acadêmicas. Dois tópicos ainda são marcantes: 2 originais de texto sobre Apoio Matricial, um conceito da saúde coletiva brasileira em resposta a trabalho com equipes locais de referência em atenção básica e retaguarda técnico-pedagógica de suporte e acolhimento, ainda em desenvolvimento, e 2 originais que trouxeram o nível médio à tona, um reunindo técnicos/auxiliares em

enfermagem e agentes comunitários de saúde, outro o pessoal da área de registro e informação em saúde. Pode-se arrolar que a experiência brasileira vem relatada com os termos da multiprofissionalidade (ênfase na equipe e na composição do trabalho com a presença dos vários profissionais em colaboração e uma pragmática do trabalho vivo em ato) e da interdisciplinaridade (ênfase na intersecção e intercessão de conhecimentos e dispositivos de intervenção, mesclando aspectos cognitivos e afetivos, educação do olhar e da sensibilidade). Ou seja, a produção de conhecimentos que a iniciativa colheu tem forte presença das temáticas que compõe a agenda defendida nos últimos 30 anos e, mais ainda, tem um grande potencial de contribuição aos debates que se desenvolvem no contexto internacional.

Alguns manuscritos submetidos àquele edital, por força da sua estrutura mais compatível com a publicação em periódicos, foram indicados para submissão à Saúde em Redes e esses já começam a ser publicados neste número. A disseminação pretende fortalecer, ainda mais, a descoberta de pensamentos “inter” e a produção de pontes “entre”, para qualificar o trabalho e adensar o ensino na área da saúde.

Uma excelente leitura e todos e todas!

Alcindo Antônio Ferla,

(Editor-Chefe, Professos UFRGS)

Ricardo Burg Ceccim,

(Professor UFRGS, Editor)